

O ENSINO DE GRAMÁTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA PERSPECTIVA SOCIOLINGÜÍSTICA DA LINGUAGEM

GRAMMAR TEACHING IN ELEMENTARY EDUCATION AND PORTUGUESE LANGUAGE TEACHER TRAINING: A SOCIOLINGUISTIC PERSPECTIVE OF LANGUAGE

LA ENSEÑANZA DE GRAMÁTICA EN LA EDUCACIÓN BÁSICA Y LA FORMACIÓN DE PROFESORES DE LENGUA PORTUGUESA: UNA PERSPECTIVA SOCIOLINGÜÍSTICA DEL LENGUAJE

Julie Isabelle¹

Resumo

O intuito da análise realizada nesse artigo é de instigar uma mudança e reflexão sobre o ensino de gramática na educação básica, a qual depende em grande parte do conhecimento do professor de língua portuguesa e de sua formação como docente. Para melhor compreensão da temática, é relevante mencionar as habilidades que se pretende desenvolver a partir do ensino gramatical, os saberes que um docente de língua materna precisa ter para um ensino de qualidade, a realidade dos cursos de licenciatura em letras e seu impacto no ambiente escolar, tipos de ensino da gramática, abordagens em sala de aula e os motivos pelos quais a gramática ensinada na educação básica não apresenta resultados satisfatórios. A partir dessas explicações realizadas com base na perspectiva sociolinguística da linguagem torna-se mais acessível o entendimento da necessidade de mudanças no sistema ensino-aprendizagem de gramática na educação básica.

Palavras-chave: gramática; educação básica; formação de professores; perspectiva sociolinguística.

Abstract

The purpose of the analysis of this paper is to stimulate a change and a reflection on the teaching of grammar in elementary education, which mainly depends on the knowledge of the Portuguese teacher and his training as a teacher. In order to better understand this issue, it is relevant to mention the skills that should be developed in grammar teaching, the knowledge that a language teacher needs to have in order to promote quality teaching, the reality of language graduation and its impact on the school environment, the types of grammar teaching, the teaching approaches and the motives behind the unsatisfactory results of grammar teaching in elementary education. From these explanations, based on the sociolinguistic perspective of language, the understanding of the need to change the system of teaching and learning grammar in elementary education becomes more accessible.

Keywords: grammar; elementary education; teacher training; sociolinguistic perspectives.

Resumen

El objetivo del análisis realizado en ese artículo es provocar un cambio y una reflexión sobre la enseñanza de gramática en la educación básica, que depende en gran parte del conocimiento del profesor de lengua portuguesa y de su formación como docente. Para una mejor comprensión de la temática, es relevante mencionar las habilidades que se pretende desarrollar a partir de la enseñanza gramatical, los conocimientos que un docente de lengua materna necesita tener para una enseñanza de calidad, la realidad de los cursos de licenciatura en letras y su impacto en el entorno escolar, tipos de enseñanza de la gramática, abordajes en clase y las razones por las que la gramática enseñada en la educación básica no presenta resultados satisfactorios. A partir de esas explicaciones realizadas con base en la perspectiva sociolingüística del lenguaje, se hace más accesible la comprensión de la necesidad de cambios en el sistema enseñanza-aprendizaje de gramática en la educación básica.

¹ Acadêmica no Curso de Bacharelado em Letras no Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: julie_isabelle29@hotmail.com

Palabras clave: gramática; educación básica; formación de profesores; perspectiva sociolinguística.

1 Introdução

O ensino de gramática no ambiente escolar visa a aprendizagem de habilidades de leitura, escrita e produção de textos escritos, porém é notório o enfoque do uso apenas na vida escolar e em situações em que se utiliza formas normativas, excluindo o uso em situações sociais que necessitam do uso informal e variacionista. A formação do docente de língua portuguesa precisa ser atualizada constantemente por meio de especializações e novos saberes para que se tenha uma educação intencional, com metodologias ativas, valores éticos, consciência linguística e valorização da cultura e da socialização, promovendo o conhecimento efetivo do aluno (García-Reis, 2017).

Ao expor o conteúdo em classe, é essencial a adequação para a realidade do aluno e da sociedade, que vem avançando tecnologicamente e ocasionando grande diversidade de gêneros discursivos e textos. Cabe ao professor de linguagens incentivar o aluno a ter criticidade e reflexão. Afastando-se do ensino tradicional da gramática, que se baseia em regras e memorização, torna-se possível ao aluno o interesse pela língua materna e suas manifestações.

A formação do professor de língua portuguesa impactará de forma decisiva na aprendizagem do aluno, pois o docente só conseguirá ensinar a partir do conhecimento que recebeu em sua graduação e especialização (García-Reis, 2017). Atualmente:

Os cursos de licenciatura em Letras apresentam 51,4% de sua carga horária em disciplinas relativas aos conhecimentos disciplinares da área, com predominância de linguística, e apenas 11% das horas-disciplinas são dedicadas para a docência (Gatti, 2010, p. 1373)

Sendo assim, torna-se preocupante a formação de profissionais despreparados para atuarem em seus cargos.

Para que haja melhorias, García-Reis (2017) propõe que os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, as Diretrizes Curriculares Nacionais e as Diretrizes de Formação de Professores sejam aplicadas no ensino superior e no ensino básico. Diante desse entendimento, o docente de língua materna precisa permitir a fala e os questionamentos do aluno, para que se alcance uma reestruturação do conhecimento linguístico.

2 Fundamentação teórica

O embasamento desse estudo é de caráter qualitativo, realizado a partir de pesquisas bibliográfica, tendo como referência teóricos como Gatti, Rosa, Neves, Martelotta, Tardif, Bortoni-Ricardo, entre tantos outros estudiosos da língua portuguesa e do ensino gramatical pelo viés da sociolinguística. O pensamento predominante desses teóricos sobre o ensino das normas da língua por meio da gramática se conecta e compartilha a mesma perspectiva de necessidade de mudança na metodologia utilizada em classe.

A partir do levantamento bibliográfico, foi possível a formação de um estudo mais amplo e contextualizado da situação gramatical presente na educação básica, para que seja possível uma reavaliação do contexto atual. A fundamentação teórica permitiu que a análise elaborada tenha consistência e base científica.

3 O objetivo do ensino da gramática na educação básica

O ensino predominante da gramática na atualidade tem características de transmitir conhecimentos da forma tradicional, a qual apresenta como foco o docente em vez do aluno, sendo responsabilidade do aluno apenas memorizar as regras passadas em classe e responder uma prova com os conteúdos ministrados nas aulas. As aulas de gramática têm como objetivo desenvolver no aluno a escrita, a produção textual, a competência leitora e a utilização da língua oral para atender aos requisitos exigidos pela comunidade em que o aluno está inserido.

A efetivação desses objetivos só será possível com a colaboração dos responsáveis pela educação básica e dos professores de língua portuguesa. O cenário brasileiro mostra que essa é uma realidade distante, como acredita Rosa, “Pesquisas tem revelado a resistência dos professores em promover práticas de ensino centradas nas práticas de uso da língua” (Rosa, 2015, *apud* Garcia-Reis, 2017, p. 251). Mediante o exposto, pode-se perceber um dos fatores que tem dificultado o alcance do objetivo ao ensinar a gramática para estudantes da educação básica.

A aplicação de um ensino gramatical reflexivo traria uma mudança significativa para o processo ensino-aprendizagem, possibilitando ao aluno questionar e chegar a conclusões sobre o sistema da língua de forma autônoma ou com auxílio do professor em sala de aula (Barbosa; Lima, 2021). Ao apresentar a reflexão ao aluno, pode-se abrir espaço para o conhecimento já adquirido pelo aluno em seu contexto social e familiar, para que crie vínculos e associações com o conteúdo apresentado em classe.

Cabe ao professor guiar o aluno a uma consciência linguística e que apresente respeito tanto pela norma padrão presente na gramática como pelas variações presentes na língua, tendo

em vista que as duas são naturais a todas as línguas. Isso incentivará os alunos a terem uma perspectiva diferente da língua portuguesa, pois incluirá a língua falada, com a qual convivem diariamente em todos os ambientes sociais. Explorando os diversos usos e funcionamentos do português, não ocorrerá exclusão nem da manifestação formal, nem da informal. O que permitirá ao aluno explorar a língua como um todo e não apenas em fragmentos.

4 O ensino gramatical e o papel do professor de português no ensino básico

O professor de língua portuguesa da educação básica não pode abster-se da responsabilidade de ensinar todas as variações linguísticas presentes em nosso país, pois esse ato ecoará por gerações, as quais precisam de conhecimento para evitarem preconceitos sobre a língua. A função de enfatizar a importância do acolhimento da diversidade linguística é indispensável para uma sociedade mais respeitosa e compreensiva.

Embora a variação linguística seja vista como um assunto distante da gramática, eles estão interligados, considerando que:

Afinal, as pessoas falam e exercem a linguagem, usam a língua para produzir sentidos, e desse modo, estudar gramática é, exatamente, pôr sob exame o exercício da linguagem, o uso da língua, afinal, a fala (Neves, 2000, p. 52).

Apesar de a competência linguística mais exigida pela sociedade ser a escrita, a manifestação da língua que mais está presente no cotidiano das pessoas é a fala, que, além de possuir aspectos gramaticais, apresenta forte presença da variação linguística em suas diferentes formas (García-Reis, 2017).

O docente da área de linguagens precisa refletir constantemente sobre como está ensinando e realizando suas atividades em classe (Barbosa; Lima, 2021). Ao encarar a gramática, o professor deve saber em qual gramática suas aulas estão baseadas, levando em consideração que não existe apenas um tipo de gramática. Diante do estabelecimento da gramática utilizada, seja ela tradicional ou outra, ainda há questões a serem analisadas ao encarar uma sala de aula, como por exemplo as abordagens de ensino.

Primeiramente, deve-se comparar as diversas gramáticas e definir a que corresponde ao perfil do professor, dos alunos e da instituição de ensino. Para exemplificar, este estudo mencionará duas gramáticas distantes que podem ser utilizadas em classe: a gramática tradicional ou normativa e a gramática cognitivo-funcional. A gramática normativa é constituída por regras, rejeitando qualquer desvio da norma padrão e acredita que a forma escrita é idêntica à forma oral (Barbosa; Lima, 2021). Essa gramática costuma ensejar a

memorização das regras apresentadas e propagar uma visão negativa da língua portuguesa nos alunos, dando a entender que a língua é apenas um conjunto de regras que são difíceis de memorizar e lembrar. Isso não incentiva o aluno a conhecer mais a fundo sua própria língua. Por outro lado, existe a gramática cognitivo-funcional, citada por Martelotta (2013), que se constitui de outras gramáticas, como a estruturalista e gerativista, mas acrescentando e analisando eventos de fala, participantes do diálogo e contexto discursivo.

Mediante o exposto, a gramática cognitivo-funcional aparenta ser mais completa, pois além do professor ministrar as regras gramaticais, ele poderá incluir elementos importantes pertencentes à língua materna que contribuirão para uma educação linguística eficaz e utilitária. As aulas de português no ensino básico são predominantemente teóricas, com poucas oportunidades de aplicação dos conhecimentos em uma atividade prática, o que leva os alunos a acreditarem que os conteúdos aprendidos em classe não serão úteis na vida deles. Uma parte da responsabilidade desse modo de ensino é dos professores de língua portuguesa, que muitas vezes colocam barreiras e obstáculos para prepararem aulas práticas.

Uma didática apenas transmissiva dificilmente possibilitará ao aluno adquirir habilidades do sistema linguístico essenciais para sua formação como estudante da educação básica e para ambientes externos à escola, como ambientes de trabalho, acadêmicos e sociais (García-Reis, 2017). Ressaltando que qualquer mudança no ensino da gramática escolar depende da instituição escolar, dos responsáveis pelo conteúdo programático, do professor e do sistema educacional vigente (Barbosa; Lima, 2021). Como reafirma Tardif, “É necessária uma mudança no sistema educacional que só ocorrerá quando os professores e os responsáveis pela educação acolherem o que os professores pensam” (Tardif, 2002, p. 55).

É importante mencionar que não se pretende rejeitar a gramática tradicional, pois ela parte da língua e tem seu papel no funcionamento do sistema linguístico, porém a partir de análises de diversos teóricos conclui-se que apenas a gramática não atende a todas as necessidades educacionais do português no ensino básico, seja no fundamental, seja no ensino médio (Carvalho; Couto, 2014).

5 O contexto dos cursos de licenciatura em letras e o impacto educacional

A formação de professores de língua portuguesa no curso de licenciatura em letras é decisiva para um ensino adequado da gramática e dos elementos que a permeiam. Existe a necessidade de um olhar mais específico para a formação de professores de português, pois isso tem consequências relevantes na sociedade, sejam elas positivas ou negativas.

O professor e conselheiro Luiz Fernandes Dourado considera que os projetos pedagógicos de cursos de graduação são cruciais para firmar e consolidar os cursos de licenciatura (Brasil, 2015, *apud* García-Reis, 2017, p. 253). Desse modo, incluir a diversidade de gêneros discursivos e a eficiência no uso e análise linguística é indispensável para uma formação sólida de docentes da língua materna. Além disso, existem outros aspectos a serem trabalhados em uma graduação de letras, como as abordagens educacionais, metodologias e técnicas pedagógicas, reflexão, criticidade e aspectos literários.

O ensino recebido na graduação deve mostrar que o professor precisa permitir que o aluno manifeste suas opiniões, dúvidas e conhecimentos adquiridos, tanto no ambiente escolar como no convívio familiar e social. Não restringindo o ensino gramatical à fala exclusiva do professor, deixando à margem o protagonista da sala de aula, o estudante. Porém, percebe-se que existe uma reprodução de didáticas pelos professores, os quais, se tiverem uma formação que não permite o espaço de fala do graduando de licenciatura, ao se tornarem professores reproduzem um ensino sem participação dos estudantes (García-Reis, 2017)

Segundo Damacena (2020), o professor precisa ter domínio de quatro saberes: os saberes pedagógicos, disciplinares, curriculares e experienciais. Cada um deles possui um papel fundamental para o docente exercer sua profissão de maneira eficiente. Cabe mencionar que todos esses saberes deveriam ser reforçados nos cursos de licenciatura em letras, para que ao formar o docente se estabeleça em sala de aula um trabalho adequado. Porém, ao analisar os cursos de licenciatura, vê-se que eles não satisfazem as necessidades do graduando, causando lacunas e insegurança para encarar o mercado de trabalho e o ambiente escolar. Isso acaba impactando negativamente o ensino de gramática nas instituições educacionais do país.

6 Tipos de ensino gramatical e abordagens na educação básica

Ao ministrar aulas de gramática, torna-se necessário optar por um tipo de ensino específico, sendo o mais recomendado o ensino produtivo, que permitirá ao estudante adquirir novas habilidades e competências gerando uma compreensão consciente do uso da língua portuguesa. Isso transformaria o contexto atual de ensino de português na educação básica, pois o aluno, ao ser consciente dos conteúdos gramaticais, não estará apenas reproduzindo regras cujo funcionamento ele não entende, mas estará ciente de todas as possibilidades que possui ao utilizar a língua materna em diferentes contextos e ocasiões exigidas pela sociedade.

As abordagens utilizadas em classes do ensino básico definirão a forma do professor expor seus conhecimentos em sala e seu modo de trabalhar o processo ensino-aprendizagem.

Ao contrapor duas abordagens distintas, é possível notar as particularidades de cada uma. A abordagem tradicional, muito utilizada e comum no ambiente escolar, baseia-se no programa instituído pela escola, na disciplina ministrada e no professor como principal agente do aprendizado. Percebe-se que essa abordagem, apesar de ser utilizada há muitos anos, não tem tido resultados positivos e satisfatórios pois os alunos permanecem na escola por vários anos letivos e ao concluírem o ensino médio argumentam não saberem a gramática da própria língua, sendo que ela foi ensinada insistentemente pelos professores de língua portuguesa, ano após ano (Teixeira, 2023).

Outra abordagem, menos utilizada, mencionada por Mizukami (2016), mas que possui potencial para modificar significativamente o quadro de ensino da gramática, é a abordagem cognitivista, que tem como foco gerar e incentivar a autonomia do aluno, incluindo atividades que estimulem o pensamento do estudante por meio de atividades sociais, práticas de leitura e escrita, entre tantas outras formas de possibilitar o raciocínio e desenvolvimento necessário para as competências que a sociedade estabelece como primordiais.

7 O ensino de gramática na educação básica e seu resultado insatisfatório

Muito se discute a função do professor como determinante para um bom aprendizado, apesar de esquecerem da importância da perspectiva e do modo que a instituição de ensino enxerga o ensino de gramática na educação básica ao aplicá-lo em classe. Como ressalta Damacena “O papel da escola, enquanto espaço ou domínio social para aprendizagem, vai ser o de aperfeiçoar esse conhecimento” (2020, p. 7). Entretanto, a escola não leva em consideração o contato que o aluno teve antes de ser inserido no ambiente escolar, não valorizando a maneira de falar do aluno, o que, muitas vezes, leva o estudante a não se pronunciar em classe e até mesmo a se sentir constrangido (Damacena, 2020). Isso ocorre antes mesmo de séries mais avançadas, como afirmam Carvalho e Couto:

Na escola, quando a criança será estimulada para se alfabetizar, ela já é capaz de se comunicar facilmente na sua língua materna, ou seja, entende e fala a língua portuguesa (Carvalho; Couto, 2014, p. 2).

Existem diversas ocasiões de uso da língua no ambiente escolar que ocorrem de modo implícito, como Damacena menciona: “Dentro da escola, há também diversos momentos em que o uso da linguagem vai se modificando” (2020, p. 8). Ao expor essa situação, Damacena pretende mostrar que durante todo o período em que os estudantes, os professores e os demais funcionários escolares estão presentes na instituição, ocorrem diferentes modalidades de uso da

língua, pois os alunos falam entre si de uma forma distinta da forma que falam com os professores e, até mesmo, os professores falam de forma mais próxima da informalidade em algumas situações.

Na perspectiva da escola, apenas a norma padrão da língua portuguesa deve estar presente nas aulas, reforçando uma ideia errônea de que só existe um português que deve ser utilizado, não aceitando variações presentes em todo o território nacional. Como podemos perceber na fala de Damacena: “A cultura do ‘bom português’ esquece que o Brasil é um país com dimensões continentais e muito rico em culturas diversas, inclusive o dialeto” (2020, p. 11).

Outro aspecto a ser mencionado, é a perspectiva da instituição de padronizar o ensino da gramática para um grupo de alunos extenso, como por exemplo uma classe com 40 alunos. O engano está em pensar que esse ensino será efetivo mesmo se tratando de pessoas completamente diferentes, com contextos distintos, realidades únicas e conhecimentos diversos. Damacena reforça que “Embora eles estejam em grupos, há de levar em consideração as diferenças individuais dentro de sala de aula” (2020, p. 12).

A situação econômica, familiar e geográfica também deve ser considerada, pois, dependendo dessas características, o perfil do aluno muda drasticamente, o que reflete no modo de ensino e no resultado desse ensino. Para Damacena “Alunos das escolas de periferia são muito diferentes dos que frequentam as escolas dos bairros de classe média, principalmente no falar e por isso essas especificidades deveriam ser consideradas pelos professores, mas não são” (2020, p. 12). Essa compreensão se estende aos responsáveis pela instituição que, com frequência, além dos professores, rejeitam todo modo de falar, escrever e ler que não se encaixe na expectativa baseada na norma padrão. Isso exclui todo o contexto do aluno e reprime os aprendizados linguísticos recebidos da socialização anterior à escola e utilizada em ambientes externos ao educacional.

Trazendo a responsabilidade para o professor, o responsável que possui mais proximidade do aluno, cabe ao docente saber o momento e a forma de corrigir os “erros” de português do estudante, para que de forma alguma o faça rejeitar a disciplina por se sentir ofendido e envergonhado. Bortoni-Ricardo (2004) esclarece que para corrigir um “erro” de português é necessário que o professor identifique a diferença entre a manifestação informal ou variante e a manifestação formal, para conscientizar o aluno sobre a distinção. Indo mais afundo no pensamento de Bortoni-Ricardo, “O trato inadequado ou até desrespeitoso das diferenças vai provocar a insegurança ou até mesmo desinteresse ou revolta do aluno” (2004, p. 42).

O ensino de língua portuguesa na educação básica ainda não valoriza da forma devida as variações linguísticas, dando prioridade à gramática tradicional. Pode-se inferir que há uma grande parcela de professores com estigmas diante das variantes linguísticas, que podem resultar em concepções equivocadas como, por exemplo, a ideia de que as variantes prejudicam o funcionamento da língua. Carvalho e Couto contrapõem esse pensamento ao dizer que “Mesmo com essas modificações as línguas não se degeneram, apenas adquirem novos valores, já que estão diretamente ligados às novas perspectivas da sociedade” (2014, p. 4).

Sendo assim, as variantes não são defeitos da língua, mas uma adaptação constante e natural de todas as línguas às demandas dos falantes ao longo do tempo, da situação, da localização geográfica, entre tantos outros fatores que permitem ocorrerem as variações linguísticas. A escola e o docente tendem a ignorar que a língua não se constitui somente da norma padrão e das regras gramaticais. Carvalho e Couto protestam ressaltando que na “educação básica é preciso refletir sobre o funcionamento da língua nas situações cotidianas e nos diversos ambientes sociais, envolvendo com isso, os dialetos, sua utilização e as exigências da sociedade para uma boa comunicação” (2014, p. 7).

O que se pretende com a menção das variações linguísticas, além de desmistificar muitos preconceitos, é ensinar o aluno a adequar sua linguagem conforme a situação em que está inserido, mostrando quando utilizar a norma padrão que possui as regras aprendidas nas aulas de gramática e quando é possível utilizar as variantes tão presentes em seu cotidiano (Carvalho; Couto, 2014).

Aparentemente, existem pensamentos extremos, ao se tratar de gramática e de variações linguísticas, que exprimem que ou se ensina a gramática para o uso “correto” da língua ou, ao expor as variações linguísticas, o aluno não se apropriará das regras da norma padrão. Tendo em vista essa perspectiva, é de suma importância ressaltar que não se pretende excluir nem uma e nem outra, mas as duas se complementam. Assim como os dialetos são importantes, a gramática possibilita aprendizados relevantes, como:

O estudo bem orientado da gramática possibilita aos alunos aprenderem a pensar por si mesmos e a formularem os seus pontos de vista sobre a língua de forma mais criteriosa, racional e consequente (Campos, 2014, p. 20)

A grande questão é o modo que esse ensino gramatical está sendo realizado em nosso país e nas instituições de educação básica, pois, mesmo com uma quantidade considerável de aulas, o aluno não domina a norma padrão. Uma das possibilidades assertivas é a proposta de Travaglia: “O ensino produtivo é sem dúvida o mais adequado à consecução do primeiro

objetivo do ensino de língua materna” (1996, p. 40). Essa proposta traz a retomada dos objetivos propostos quando se trata do ensino de gramática, conseqüentemente de língua materna.

Trazendo à tona a realidade presente nas escolas, vemos que elas ensinam a gramática de modo indevido, o que resulta em um conjunto de estudantes que acreditam que ao decorar as regras gramaticais estão preparados para utilizá-la, sendo que essa visão pode no máximo levar a uma boa nota e não a um aprendizado de fato. Teixeira concorda ao dizer que “Não devemos ensinar gramática pela memorização de regras, e sim, pela compreensão do sistema linguístico” (2023, p. 4).

Ao considerar os documentos da educação básica, como o Parâmetro Curricular Nacional (PCN), tanto do ensino fundamental como do ensino médio, fica esclarecida a situação do ensino de gramática e de português de forma mais ampla, já que apresentam lacunas que ainda precisam ser preenchidas e os próprios conceitos de linguagem descritos pelos PCN’s não estão compatíveis com o ensino em sala de aula. Como retrata o seguinte trecho:

Tínhamos um ensino descontextualizado e baseado no acúmulo de informações. Ao contrário disso, buscamos dar significado ao conhecimento escolar, mediante a interdisciplinaridade, e incentivar o raciocínio e a capacidade de aprender (Brasil, 2000, p. 4).

Para a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), citada no PCN Ensino Médio (Brasil, 2000), é necessário aplicar quatro fundamentos ao ensino: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver e aprender a ser. Explicando sucintamente, o aprender a conhecer é promover o aprofundamento de conhecimentos, estimular a curiosidade intelectual e o estímulo crítico. O aprender a fazer é a aplicabilidade dos conhecimentos. O aprender a viver é a realização de projetos e a capacidade de gerenciar conflitos. Por fim, o aprender a ser é a habilidade de decisão e a liberdade de expressão.

Mediante o exposto, pode-se perceber que muito pouco do que é esperado é efetivado na educação básica. A linguagem segundo o PCN Ensino Médio é compreendida da seguinte forma:

A linguagem é considerada aqui como capacidade humana de articular significados coletivos em sistemas arbitrários de representação, que são compartilhados e que variam de acordo com as necessidades e experiências da vida em sociedade (Brasil, 2000, p. 19).

Portanto, o próprio PCN Ensino Médio possui uma visão sociolinguística do ensino de linguagens, incluindo nesse conjunto o ensino de gramática na educação. Como demonstra o seguinte trecho:

Importa ressaltar o entendimento de que as linguagens e os códigos são dinâmicos e situados no espaço e no tempo, com as implicações de caráter histórico, sociológico e antropológico que isso representa [...] É relevante também considerar as relações com as práticas sociais e produtivas e a inserção do aluno como cidadão em um mundo letrado e simbólico (Brasil, 2000, p. 20).

Para não mencionar apenas o PCN Ensino Médio, foi analisado em conjunto o PCN do ensino fundamental (Brasil, 1998), 6º ao 9º Ano, que no tópico “Aprender e ensinar língua portuguesa na escola”, presente no documento, recomenda estratégias para o ensino da disciplina, como a organização de situações de interação que gerem aprendizado com base em temáticas, recriando em sala de aula usos enunciativos presentes em espaços que não sejam o ambiente escolar.

Com base nisso, não há dúvidas que os PCN’s tanto do ensino médio quanto o do ensino fundamental estão de acordo com a perspectiva sociolinguística da linguagem. Para finalizar, o trecho a seguir exemplifica bem a mudança que é necessária no ensino de gramática na educação básica, para que passemos de um ensino engessado e impositivo para um ensino que acolhe as diferenças da língua e as demandas da comunidade.

O que deve ser ensinado não responde às imposições de organização clássica de conteúdos na gramática escolar, mas aos aspectos que precisam ser tematizados em função das necessidades apresentadas pelos alunos nas atividades de produção, leitura e escuta de textos (Brasil, 1998, p. 29).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ao explicitar competências para a área de linguagens e suas tecnologias no Ensino Médio, compreende diversos aspectos dessa disciplina de forma aprofundada e atual, com indícios de uma vertente sociolinguística em algumas competências, como a Competência Específica 4 que incita o ensino que busca:

compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas [...] (Brasil, 2018, p. 496).

Isso revela a importância de um ensino completo da língua portuguesa, que inclui junto ao ensino de gramática a participação de outros elementos sociais que permeiam a língua materna. A gramática tradicional isolada não é suficiente para um ensino que gere

transformação e consciência sobre o sistema linguístico nos alunos, sendo de grande importância para a educação básica formar alunos para o convívio em sociedade nas suas diferentes esferas.

8 Considerações finais

A linguagem permeia todas as fases da vida de um ser humano, sendo de suma relevância apresentar a língua e seu uso de modo adequado para que o indivíduo se desenvolva e possa atuar no meio social inserido. A gramática ensinada na educação básica possui papel crucial na formação das crianças e adolescentes, que, tanto no ambiente escolar como fora dele, receberão demandas comunicativas, escritas ou orais.

Diante disso, é urgente um olhar mais atento para o modo que a gramática está sendo ensinada, as intenções ao se ensinar, a qualificação de quem ensina e os resultados desse ensino. Essas são questões indispensáveis para uma melhoria e avanço na educação básica e na formação dos professores, que são agentes do aprendizado. Ao realizar a análise desses elementos por uma perspectiva sociolinguística, conclui-se que o ensino de gramática na educação básica e a formação de professores de língua portuguesa são muito insuficientes.

Diversos pesquisadores da língua e do meio linguístico como Gatti, Garcia-Reis, Neves, Martelotta, Tardif, entre outros supracitados, confirmam a necessidade de uma mudança nesse quesito educacional. Além dos estudiosos, os próprios documentos que servem de base para aplicar um ensino eficaz de língua portuguesa, os PCN's e a BNCC, não estão compatíveis com a realidade da sala de aula brasileira.

A sociolinguística, embora seja um estudo elaborado e analisado de forma recente, tem grande poder de transformar e trazer uma reflexão mais congruente do ensino de gramática e da língua portuguesa como um todo. Vale salientar que este estudo não objetiva desconsiderar as regras gramaticais estabelecidas na língua, que são importantes para possibilitar a comunicação em grande escala, tendo em vista a quantidade de regiões dentro do território brasileiro, mas incentivar um olhar mais profundo da língua por completo, não se restringindo a uma parcela dela.

Os estudos para beneficiar o ensino de gramática na educação básica e suas relações com a formação docente ainda podem ser explorados de diversas formas, o que conseqüentemente significa que ainda deve haver uma extensa busca dos pesquisadores da área por uma conclusão que permita aplicar um ensino gramatical reflexivo e consciente no

cotidiano escolar, com professores de língua portuguesa preparados e atualizados com as novas perspectivas de ensino, incluindo a perspectiva sociolinguística.

Referências

- BARBOSA, D. A. S.; LIMA, F. R. Ensino de gramática na educação básica: um olhar reflexivo sobre as abordagens metodológicas em sala de aula. **Cadernos Cajuína**, v. 6, n. 3, 2021. Disponível em: <https://cadernoscajuina.pro.br/revistas/index.php/cadcajuina/article/view/488>. Acesso em: 27 abr. 2024.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)**. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília: MEC, 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC, 1998.
- CAMPOS, E. P. **Por um novo ensino de gramática: orientações didáticas e sugestões de atividades**. Goiânia: Cãnone editoria, 2014.
- CARVALHO, R. P. Q; COUTO R. C. O. O ensino da gramática na educação básica: desafios e problemáticas. **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**, n. 13, 2014. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/acf1/35275da3472a9f9f3c5c7bd671e15395e402.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2024
- DAMACENA, B. A formação de professores de língua portuguesa: uma abordagem sociolinguística. **Trem de Letras**, [s. l.], v. 7, n. 2, e020013, 2020. Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/tremdeletras/article/view/660/998>. Acesso em: 29 abr. 2024.
- GARCÍA-REIS, A. R. Práticas de linguagem na formação dos professores de Língua Portuguesa: uma perspectiva de análise do Projeto Pedagógico do curso de Letras. **Veredas – Interacionismo Sociodiscursivo**, v. 21, n. 3, p. 246-260, 2017. DOI: <https://doi.org/10.34019/1982-2243.2017.v21.28004>. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/28004/19099>. Acesso em: 27 abr. 2024.
- GATTI, B. A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out.-dez. 2010. Disponível em: scielo.br/j/es/a/R5VNX8SpKjNmKPxxp4QMt9M/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 27 abr. 2024.

MARTELOTTA, M. E. Conceitos de gramática. *In*: MARTELOTTA, M. E. **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 79 –107.

MIZUKAMI, M. G. **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 2016.

NEVES, M. H. M. A gramática: conhecimento e ensino. *In*: AZEREDO, J. C. (org.). **Língua Portuguesa em debate**: conhecimento e ensino. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 52.

ROSA, D. C. Práticas de escrita nos anos iniciais: encaixos e percalços. *In*: COSTA-RUBES, T. C.; ROSA, D. C. (org.). **A pesquisa na educação básica**: um olhar para a leitura, a escrita e gêneros discursivos na sala de aula. Campinas/SP: Pontes, 2015.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TEIXEIRA, U. P. *et al.* Reflexões sobre os (des)caminhos do ensino de gramática na educação básica. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 9., 2023, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: Plataforma Espaço Digital, 2023. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/95567>. Acesso em: 01 maio 2024.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação**: Uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 1996.